

Estudos do Trabalho

Ano VI – Número 13 – 2013
Revista da RET
Rede de Estudos do Trabalho
www.estudosdotrabalho.org

AS TERRITORIALIDADES DO TRABALHO COM A COLETA DE LIXO DOMICILIAR URBANO EM PRESIDENTE PRUDENTE/SP: INVISIBILIDADE SOCIAL E SAÚDE DO TRABALHADOR¹

João Vitor Ramos da Silva²
Antonio Thomaz Junior³

RESUMO

O presente texto tem como objetivo apresentar um panorama teórico sobre o trabalho dos coletores de lixo domiciliar urbano. O foco de análise recai sobre duas vertentes principais: os impactos da rotina de trabalho à saúde dos trabalhadores e os desdobramentos à sua invisibilidade social, sendo, pois, a cidade de Presidente Prudente/SP o recorte espacial da pesquisa. A evidenciação das espacialidades e territorialidades construídas e vivenciadas pelos trabalhadores, coletores, ao longo de seus jornadas, nos possibilita fundamentar nossas reflexões no âmbito da dinâmica geográfica do trabalho.

Palavras-Chave: Trabalho; Coletores de Lixo Domiciliar Urbano; Territorialidades; Presidente Prudente/SP.

ABSTRACT

The present text aims to present a theoretical overview about the work of urban domestic garbage collectors. The focus of analysis rests on two main areas: the impact of work routine to the health of workers and the consequences of their social invisibility, being, therefore, the city of Presidente Prudente / SP the spatial area of research. The disclosure of the spatialities and territorialities built and experienced by workers, collectors, throughout their journeys, allows us to base our reflections in the context of geographical dynamics of work. The semi-structured interviews make up the central methodological strategy of the research and are complemented with other quantitative data.

Keywords: Work; Urban Domestic Garbage Collectors; Territorialities; Presidente Prudente/SP.

¹ Esse artigo é parte da pesquisa de mestrado em andamento "Espacialidades e Territorialidades do Trabalho com a Coleta de Lixo Domiciliar Urbano em Presidente Prudente/SP: Invisibilidade Social e Saúde do Trabalhador", vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia, da Faculdade de Ciências e Tecnologia da UNESP, e financiada pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

² Graduado em Geografia pela FCT/UNESP (2012) e Mestrando em Geografia pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia da FCT/UNESP. Membro do Centro de Estudos de Geografia do Trabalho (CEGeT). E-mail: joaopontogeo@gmail.com.

³ Professor Livre-Docente, vinculado aos cursos de Graduação e Pós-graduação em Geografia da FCT/UNESP; Pesquisador PQ-1/CNPq; Coordenador do Grupo de Pesquisa "Centro de Estudos de Geografia do Trabalho (CEGeT)" e do Centro de Estudos do Trabalho, Ambiente e Saúde (CETAS). E-mail: thomazjrgeo@terra.com.br.

Estudos do Trabalho

Ano VI – Número 13 – 2013
Revista da RET
Rede de Estudos do Trabalho
www.estudosdotrabalho.org

INTRODUÇÃO

A pesquisa de mestrado que subsidia o presente texto encontra-se em fase inicial, não possibilitando ainda, informações empíricas que fundamentem considerações mais consolidadas ou com cariz de conclusão. Dessa forma, o que apresentamos aqui são alguns pressupostos teóricos de onde partimos, reflexões metodológicas que fundamentam nosso projeto de pesquisa, bem como um levantamento das principais problemáticas que envolvem nosso objeto de pesquisa, qual seja, as condições de trabalho dos coletores de lixo domiciliar da cidade de Presidente Prudente/SP, o conteúdo da invisibilidade social desse processo, e os reflexos na saúde dos trabalhadores.

Iniciamos afirmando que o sistema de metabolismo social do capital é fundado e fundamentado na exploração do trabalho, e na produção de mercadorias que, crescentemente, alinham-se ao processo denominado por Mészáros (2002; 2007) de “tendência decrescente da taxa de uso das coisas”, que responde à obsolescência programada. O corolário desse processo é o agigantamento do volume de resíduos descartados pelo conjunto da sociedade encimada no consumismo e, em decorrência, tem-se o aumento do lixo produzido.

“Por trás das cortinas” do “espetáculo” da produção destrutiva do capital, habitam os sujeitos sociais responsáveis pela coleta dos resíduos sólidos, ou do lixo descartado, nas cidades, expostos à toda sorte de precariedades que recai à classe trabalhadora, em especial seus extratos menos qualificados, como o são, em geral, os coletores de lixo domiciliar. Precariedades que cobrem desde os agravos à saúde do trabalhador e seu par correspondente à invisibilidade social, preocupando diversas pesquisadores de áreas distintas do conhecimento, como a Psicologia Social, a Ergonomia, a Sociologia e a Geografia do trabalho.

Outro aspeto a ser destacado sobre o funcionamento metabólico fundante da sociedade capitalista, ou o sistema produtor de mercadorias e, conseqüentemente, "produtor" do consumo crescente, indica estarmos diante de um *modo de produção*, que também "produz" lixo.

Estudos do Trabalho

Ano VI – Número 13 – 2013
Revista da RET
Rede de Estudos do Trabalho
www.estudosdotrabalho.org

Isto é, os antagonismos de classe e as contradições sociais não se efetivam apenas no espectro produtivo do sistema, mas também em suas formas de regulação, nos signos e valores criados e reproduzidos para sua manutenção/legitimação ideológica e no estigma do trabalho que herdamos os homens e as mulheres que dependem de sua força de trabalho para garantir sua sobrevivência. Assim, falar em *sociedade* capitalista não significa desconsiderar as contradições entre o “capital social global e a totalidade do trabalho” (MÉSZÁROS, 2007), mas reconhecer que o capital impõe fissuras ideológicas à própria classe trabalhadora que, no caso dos coletores, se manifestam em atitudes discriminatórias por parte da população em geral (em sua maioria também trabalhadores) e na deterioração de seu status social.

A atividade de coleta de lixo domiciliar urbano situa-se no rol de atos laborais que não se enquadram no trabalho produtivo, como classicamente definido por Marx, uma vez não estar diretamente relacionada ao circuito produtor de valor. Entretanto, mais do que buscar tipificações quanto à forma do trabalho em si, do ponto de vista do capital interessa saber se ele produz mais-valia a ser apropriada, sendo que para isso tanto o trabalhador improdutivo, quanto o produtivo podem se tornar “pragas” na ótica do capital, caso não cumpram sua função histórica (MARX, 1987).

Assim, percebe-se que o trabalho dos coletores de lixo domiciliar urbano é considerado pela lógica do capital como improdutivo, de fato, na medida em que não cumprem a função de produção direta de mais-valia, embora contribua para a manutenção de um ordenamento espacial adequado para a efetivação das atividades produtivas que garantam o lucro do capital – a limpeza pública.

Ademais, do ponto de vista da saúde dos trabalhadores, tem-se que, sob a ótica do capital, pouco importa o enquadramento teórico-prático do sujeito que trabalha. Isto é, seja ele camponês, operário, produtivo ou improdutivo, entre todas as fissuras impostas à classe trabalhadora, todos estão sujeitos ao destrutivismo do capital enquanto *totalidade viva do trabalho* (MÉSZÁROS, 2007), que tem levado ao adoecimento de milhares de trabalhadores, nas mais diversas atividades laborais (THOMAZ JUNIOR, 2006).

Estudos do Trabalho

Ano VI – Número 13 – 2013
Revista da RET
Rede de Estudos do Trabalho
www.estudosdotrabalho.org

UMA GEOGRAFIA DO TRABALHO DOS COLETORES DE LIXO DOMICILIAR

Não basta, caso queiramos investigar esse universo específico do trabalho dos coletores em Presidente Prudente sob o prisma da Geografia, restringirmo-nos às questões – centrais, diga-se de passagem – da saúde do trabalhador e da invisibilidade social desses trabalhadores. É preciso realizar esforço de apreensão e compreensão das formas como esses sujeitos produzem espacialidades/territorialidades em seu dia-a-dia e em sua inserção histórica na profissão de coletor, na medida em que “o espaço (social) é um produto (social)” (LEFEBVRE, 2000, p. 33), portanto produto e produtor de relações sociais (dialética sociedade-espaço). Ou, fazendo nossas as palavras de Massey (2004), “O espaço, então, é o produto das dificuldades e complexidades, dos entrelaçamentos e dos não-entrelaçamentos de relações, desde o inimaginavelmente cósmico até o intimamente pequeno. O espaço, para repetir mais uma vez, é o produto de inter-relações” (p. 17).

Do ponto de vista geográfico, pouco ou quase nenhuma atenção tem sido dada a essa forma de expressão do trabalho, bem como aos seres sociais que a protagonizam diariamente, prova disso a escassez flagrante de trabalhos no âmbito da Geografia que versem sobre o assunto. É por intuirmos, com base em evidências empíricas, que há uma dinâmica territorial e a tecitura de territorialidades no universo da coleta do lixo domiciliar urbano pelos coletores em Presidente Prudente/SP que avaliamos viável debruçarmo-nos sobre o assunto, lançando um olhar para a invisibilidade social e a degradação, as quais recaem sobre os trabalhadores desse setor, buscando identificar como se manifesta a geografia do trabalho por parte desses sujeitos. Uma pesquisa centrada, portanto, nos sujeitos sociais que trabalham.

Poderíamos, então, ensaiar uma reflexão acerca da contradição entre a função social que exercem os coletores e a apropriação do espaço que efetivam. Analogamente ao que Clifford (2000) chamou de “culturas viajantes”, na tentativa de desvincular a imagem das culturas a lugares permanentes/estáticos, na verdade os coletores de lixo domiciliar urbano são trabalhadores transeuntes, “eternos passageiros”, o que determina, por sua vez, o estatuto

Estudos do Trabalho

Ano VI – Número 13 – 2013
Revista da RET
Rede de Estudos do Trabalho
www.estudosdotrabalho.org

de sua geografia no âmbito de seu trabalho. Produzem espaço, pois espaço é relação social e vice-versa, mas produzem muito mais espacialidades/territorialidades, dado esse caráter difuso da rotina do trabalho. Por vezes – conforme pudemos apreender nos trabalhos sobre o assunto –, quando constroem relações de identidade com seu trecho, a empresa os muda para outro, inserindo-os em um local onde precisarão construir novamente todas as relações sociais com a equipe e a comunidade. Em suma, mais *estão* no espaço do que *são* no espaço.

Nesse sentido, fazendo um paralelo com Smith (2000), quando de sua discussão sobre o papel da mobilidade para a produção de um salto escalar na política espacial dos sujeitos, temos que a mobilidade proporcionada pelos caminhões aos coletores de lixo é uma falsa mobilidade, já que através dela têm a oportunidade de se movimentar pela cidade, mas em um contexto de total subordinação à sua atividade laborativa. Em outras palavras, no âmbito do trabalho com os caminhões, os trabalhadores vivenciam uma experiência do espaço urbano limitada, o que faz do caminhão de lixo um objeto diferente do “Veículo dos Sem-Teto” abordado por Smith (2000).

Destarte, se nosso objeto de pesquisa são as condições de trabalho dos coletores de lixo urbano na cidade de Presidente Prudente/SP, seu caráter geográfico se coloca a partir das seguintes questões-problema colocadas: quais as espacialidades/territorialidades dos sujeitos sociais pesquisados, isto é, dos trabalhadores envolvidos na coleta de lixo domiciliar urbano? Que tipo de movimento pelo espaço efetuam em sua vida dentro do trabalho e em sua vida fora do trabalho? Portanto, qual cidade enxergam e vivenciam por dentro e por fora do trabalho?

Por esse caminho é que pretendemos ler a espacialidade produzida pelos sujeitos sociais protagonistas de nossa pesquisa e dar conta de alcançar os objetivos traçados, isto é, compreender quais os desdobramentos do trabalho dos coletores de lixo urbano de Presidente Prudente/SP no tocante à saúde do trabalhador e à invisibilidade social, buscando apreender as relações sociais e de poder que balizam a produção de espacialidades/territorialidades por esses sujeitos em seus “trechos” de trabalho.

Estudos do Trabalho

Ano VI – Número 13 – 2013
Revista da RET
Rede de Estudos do Trabalho
www.estudosdotrabalho.org

DISCUSSÃO METODOLÓGICA

Há uma distinção importante no âmbito de uma pesquisa entre teoria, método de análise e metodologia. Contudo, a depender da fundamentação teórica e do método assumido (enquanto visão de mundo), as questões-problema levantadas pelo pesquisador são definidas de um modo ou de outro. Assim, é possível realizar uma pesquisa com os coletores de lixo domiciliar a partir de uma abordagem que privilegie os aspectos culturais dos sujeitos, ou os aspectos econômicos, ou políticos, assim por diante, variando de acordo com o elemento assumido pelo pesquisador como central para a explicação da vida social. Assumindo, por exemplo, a prevalência dos fundamentos do sistema metabólico do capital na contemporaneidade, pautado na determinação de rotinas de trabalho degradantes a várias parcelas da classe trabalhadora, é compreensível que se levante questões que deem conta de responder de que forma as condições de trabalho influenciam na saúde dos trabalhadores.

Por isso, consideramos válida a afirmação de Bernard Kayser (2006) de que não se trata de tomar o singular por universal de forma linear, automaticamente, mas, a partir da preocupação dos sujeitos sociais da pesquisa, das situações-problema específicas em que estão envolvidos, dos conflitos nos quais estão implicados, “[...] notar a infinidade de laços e de fluxos que integram seu subsistema no sistema social geral, [sendo que assim] o realizador do trabalho escolhe o seu campo. É também uma decisão fundamental para a orientação da pesquisa” (KAYSER, 2006, p. 100).

Depreende-se, portanto, que o estabelecimento de questões-problema para a pesquisa e até mesmo a construção das questões a serem feitas aos sujeitos pesquisados em situações de entrevistas ou questionários, varia em certa medida com os pressupostos teóricos assumidos pelo pesquisador e seu método de interpretação da realidade.

Tomando como exemplo nosso caso de pesquisa, assumindo o trabalho como conceito central e a dialética como método que dê primazia às contradições (muitas vezes implícitas) em detrimento de uma pretensa harmonia social, as questões formuladas aos

Estudos do Trabalho

Ano VI – Número 13 – 2013
Revista da RET
Rede de Estudos do Trabalho
www.estudosdotrabalho.org

sujeitos protagonistas da pesquisa (coletores de lixo domiciliar) privilegiarão mais as implicações das condições de trabalho à saúde dos trabalhadores, a forma como os “lixeiros” (termo pejorativamente associado aos coletores pela população) são vistos pela sociedade, as relações de poder entre a empresa e os trabalhadores, bem como entre os próprios trabalhadores – muitas vezes determinando a distribuição dos trechos mais pesados ou mais leves. Aos representantes sindicais (como também aos próprios trabalhadores), o norte das questões seria entender quais as posturas e ações políticas assumidas pelo sindicato em defesa dos trabalhadores, como é entendida a relação entre capital e trabalho, se as reivindicações são mais pontuais ou articulam-se, por exemplo, com outras categorias de trabalhadores etc.

Não obstante concordemos com Kayser (2006) quando diz que é aconselhável que se desenvolva uma base teórica e política consistente antes de ir a campo, bem como o arrolamento de hipóteses para serem comprovadas ou refutadas na prática de pesquisa, é preciso não confundir a “perda de tempo com manuais metodológicos” a que o autor se refere com uma desatenção e negligência para com questões importantes da prática de pesquisa em campo.

Isto significa admitir que há questões operacionais da relação entre pesquisador e pesquisado que podem influenciar nas próprias questões pré-estabelecidas (por exemplo mudando o rumo de uma entrevista) e, conseqüentemente, nos resultados obtidos. Uma coisa é possuir uma postura teórica, política e de método bem consolidada, outra é conduzir uma entrevista com questões que induzam respostas, e que o pesquisador fale mais que o entrevistado, com atitudes e empregos lexicais que intimidem o entrevistado etc. Novamente, é perigoso, positivista, senão antiético, tomar as informações produzidas dessa forma como expressões fieis da realidade, como se a situação e o contexto nos quais foram produzidas tais informações não influíssem nos resultados alcançados.

Aliás, é o próprio Kayser (2006) quem reconhece que a posição social do pesquisador pode influenciar perigosamente no peso dado a um dado grupo social envolvido na realidade de pesquisa, em detrimento de outros – desequilíbrio que influencia na validade dos resultados da pesquisa. Assume-se, portanto, que a pesquisa é um processo de construção

Estudos do Trabalho

Ano VI – Número 13 – 2013
Revista da RET
Rede de Estudos do Trabalho
www.estudosdotrabalho.org

entre sujeitos sociais situados social, política, econômica, cultural e geograficamente, e que o discurso científico oriundo das informações construídas na interação social entre esses sujeitos (pesquisador e pesquisado) é apenas mais um discurso possível sobre tal ou qual objeto de pesquisa.

Amparando-nos em outros trabalhos desenvolvidos com os mesmos sujeitos sociais da pesquisa (VASCONCELOS, 2007; COSTA, 2008), ou seja, os trabalhadores da coleta do lixo domiciliar urbano, a metodologia utilizada deverá se valer de procedimentos qualitativos – como entrevistas semidiretivas ou semiestruturadas (COLOGNESE; MÉLO, 1998) e, secundariamente (ou, conforme define Meihy (2002), como “ferramenta”), o uso da história oral – e também quantitativos, como a consulta a bancos de dados e aplicação de questionário socioeconômico. A intenção é ouvir os sujeitos que estão “por trás das cortinas” da produção de mercadorias, dar voz a eles por meio da pesquisa, sem, todavia, cair na pura e simples assunção do seu discurso por si só, sem elementos analíticos acrescidos pelo pesquisador, buscando, assim, atentar para os riscos inerentes a um uso inocente da história oral ressaltados por Hall (1992).

Para isso, os trabalhos de campo deverão ocorrer com frequência através do acompanhamento dos trabalhadores no local de trabalho (trechos) e da aplicação dos instrumentos de obtenção das informações (entrevistas e questionário) em local a combinar. Estamos prevendo a realização de questionários com uma amostragem de ao menos 25% do contingente total dos coletores (20 coletores, dos 80 constantes no *site* da empresa, a depender do tempo hábil da pesquisa e das possíveis dificuldades/facilidades encontradas); enquanto que a quantidade de entrevistas será alcançada a partir da saturação das informações e serão gravadas mediante o uso de gravador de voz e/ou, em caso de permissão dos entrevistados, do uso de filmadora. Guardadas as limitações, a intenção é produzir um vídeo-síntese da pesquisa com base nas informações e situações de trabalho apreendidas.

As entrevistas ganharão papel central em nossa pesquisa, pois o foco recairá principalmente sobre o tempo presente, uma vez que as questões norteadoras do trabalho são: quais as condições de trabalho dos coletores de lixo? Quais os rebatimentos à sua saúde? Que

Estudos do Trabalho

Ano VI – Número 13 – 2013
Revista da RET
Rede de Estudos do Trabalho
www.estudosdotrabalho.org

tipo de relações sociais travam entre si e com os demais moradores da cidade? Evidencia-se, no último caso, a materialização do fenômeno da invisibilidade social? E, por fim, como todos esses processos conformam a espacialidade/territorialidade desses sujeitos pela cidade de Presidente Prudente/SP? Enquanto que a história oral (especialmente enquanto método) é mais indicada para pesquisas que tenham como elemento central desvelar a história de vida dos sujeitos, a partir de processos, portanto, situados no passado e retomados pela ativação da memória, o que não é exatamente nosso caso.

A consulta a bancos de dados relacionados ao trabalho, como a RAIS (Relação Anual de Informações Sociais) e o CAGED (Cadastro Geral de Empregados e Desempregados), uma vez que a profissão de coletor é enquadrada dentro do mercado formal de trabalho, também servirá como ferramenta metodológica. Além disso, outras bases de dados como a Fundação Seade, o IBGE (dados estatísticos e bases cartográficas), o DATASUS (Banco de Dados do Sistema Único de Saúde), a Secretaria do Emprego e Relações de Trabalho do Estado de São Paulo (SERT) e a própria Secretaria Municipal de Saúde também podem contribuir para a realização da pesquisa.

Merecerá nossa atenção o contato com o Departamento de Coleta da Prudenco (Companhia Prudentina de Desenvolvimento), empresa responsável pela operacionalização da tarefa, a fim de ouvir de quem planeja o trabalho dos coletores quais os critérios para escolha dos trechos, se os trabalhadores participam desse processo ou não, se há preocupação da parte das instâncias competentes com a segurança do trabalhador, alguma política da empresa e/ou do poder público que preze pela saúde do mesmo, se existe um espaço criado pela empresa para dialogar com os trabalhadores quanto às suas demandas etc.

O contato com o sindicato responsável pela representação política dos coletores – Sindicato dos Empregados em Empresas de Asseio e Conservação e Trabalhadores na Limpeza Urbana de Presidente Prudente e Região (SIEMACO) – será importante para dimensionarmos como as queixas/reclamações/sugestões dos trabalhadores se revertem em ações, em tese, mais organizadas politicamente. Enfim, analisar como se dá a relação entre os

Estudos do Trabalho

Ano VI – Número 13 – 2013
Revista da RET
Rede de Estudos do Trabalho
www.estudosdotrabalho.org

coletores e o sindicato, quais suas principais reivindicações, como o sindicato tem agido diante disso, qual seu papel na mediação com a empresa etc.

Em vista dos objetivos traçados e da metodologia a ser adotada, a análise dos resultados deve ser coerente com o exposto. Dessa forma, pretendemos lançar mão do uso de ferramentas como o *software Excel* para a tabulação dos dados coletados junto aos trabalhadores, através dos questionários (informações primárias), e nos bancos de dados secundários (RAIS, CAGED, IBGE, SEADE, DATASUS).

Com as entrevistas pretende-se lançar mão do procedimento de “categorização”, possivelmente o de “códigos analíticos” abordados por Gibbs (2009). Aqui a ideia é desenvolver um processo de tratamento da informação produzida na situação de entrevista que vai desde a transcrição (na verdade desde o planejamento da situação de entrevista), passando pela categorização (classificação por temáticas mais gerais, que possibilitem posteriormente a comparação de uma entrevista com outras) até a formulação de códigos analíticos que, de fato, deem um salto na capacidade interpretativa do discurso dos sujeitos sociais.

Procederemos ao uso de *software* de geoprocessamento mais adequado para a elaboração de representações cartográficas a contento dos objetivos, isto é, empreendendo um esforço para conseguir traçar a espacialidade dos sujeitos pesquisados em suas rotinas de trabalho. Como se tratam de vias de circulação, o próprio *Google Earth* pode se constituir, também, como instrumental adequado e de boa interface para tanto.

Como já mencionado, é nossa intenção realizar um vídeo-clipe síntese, com base em possíveis filmagens a serem realizadas das jornadas de trabalho dos coletores, haja vista se tratar de uma ferramenta didática e elucidativa de elementos que, por ventura, podem escapar da elaboração textual dos resultados.

Acreditamos que esse conjunto de procedimentos metodológicos e formas de tratamento dos dados possa dar conta de alcançar resultados satisfatórios diante do nosso intento de pesquisa aqui apresentado.

Estudos do Trabalho

Ano VI – Número 13 – 2013
Revista da RET
Rede de Estudos do Trabalho
www.estudosdotrabalho.org

INVISIBILIDADE SOCIAL E AGRAVOS À SAÚDE DO TRABALHO NA COLETA DE LIXO EM PRESIDENTE PRUDENTE/SP

Segundo informações obtidas do site da Junta Comercial do Estado de São Paulo (JUCESP), a Companhia Prudentina de Desenvolvimento (Prudenco) – empresa responsável pela coleta de lixo em Presidente Prudente/SP – constitui-se como uma empresa de tipo jurídico “sociedade por ações” (ou sociedade anônima – S/A), fundada em 22/09/1977. Todavia, não se apresenta com capital estritamente privado, mas como uma empresa de capital misto, tendo sido autorizada pela Lei municipal n. 1.880, de 11 de junho de 1977.

Em termos quantitativos, segundo informações preliminares extraídas do *site* da Prudenco, atualmente há cerca de 80 trabalhadores envolvidos no serviço de coleta de lixo (uma das atividades do setor de Limpeza Pública), percorrendo 7 setores diários noturnos, 16 setores distribuídos pelos bairros periféricos (dias alternados) e efetuando 36 viagens de caminhão por dia, com carga média de 5 toneladas cada. Os coletores da Prudenco são trabalhadores formais, com registro em carteira de trabalho. Sua jornada diária é de 8h, porém, dependendo do trecho de trabalho, o serviço pode acabar antes do final da jornada, nos trechos mais leves⁴.

Nos estudos de Santos (2009), Pinho; Neves (2010), Vasconcelos (2007), Santos; Silva (2009), Celeguim; Roesler (2009), é possível conhecer experiências que demonstram uma verdadeira precariedade nas condições de trabalho dos coletores, estando em contato direto com objetos pérfuro-cortantes, contaminados e infecciosos, como cacos de vidro, agulhas de seringa, chorume etc., que contribuem seriamente para o desenvolvimento de doenças relacionadas ao trabalho, bem como a ocorrência de acidentes no trabalho.

Todos esses elementos, além de mordidas de cachorro, atropelamentos, micoses, exposição ao sol, fraturas e outras situações foram verificadas em entrevista realizada com um

⁴ Em vista do estágio inicial da pesquisa, a única fonte primária de informações de que dispomos até o presente momento é uma entrevista realizada com um dos trabalhadores da empresa responsável pela coleta de lixo em Presidente Prudente/SP (Prudenco). Dentre as informações obtidas nessa ocasião, encontra-se a diferenciação entre os setores considerados leves e pesados, tendo como critérios as características do tipo de lixo e a quilometragem percorrida.

Estudos do Trabalho

Ano VI – Número 13 – 2013
Revista da RET
Rede de Estudos do Trabalho
www.estudosdotrabalho.org

dos trabalhadores da empresa. Os Equipamentos de Proteção Individual (EPI's) nem sempre dão conta de proteger integralmente os trabalhadores aos riscos a que estão expostos diariamente, como cortes com pedaços de vidro, acidentes com seringas, contato com líquidos perigosos, sem contar que a própria composição do uniforme traz alguns desconfortos, como assadura na pele provocada pelo material refletivo da camisa. Em suma, os EPI's protegem de determinadas vulnerabilidades (como exposição ao sol), mas não de outras.

Esses aspectos, juntamente com problemas relacionados à contratação e vínculo empregatício dos trabalhadores, adequação da jornada de trabalho, normas trabalhistas quanto à segurança e medicina no ambiente de trabalho dos coletores, já foi, inclusive, pauta de um Termo de Ajustamento de Conduta (TAC) feito à empresa por parte do Ministério Público do Trabalho de Presidente Prudente, no ano de 2009⁵.

O processo de adoecimento não decorre estritamente da exposição física dos trabalhadores a objetos nocivos à sua saúde, ou aos mais de 15 km diários recorrentemente percorridos por eles, alternando entre corrida e caminhada, mas também à pressão psíquica e mental a que muitas vezes são submetidos, pela atenção redobrada que despendem: 1) ao tipo de lixo; 2) ao movimento de veículos para evitar atropelamentos, inclusive alertando os companheiros de equipe; 3) aos movimentos de subir e descer do caminhão em movimento. Segundo Vasconcelos (2007, p. 16), o trabalho dos coletores deve ser considerado como complexo, visto que exige a articulação de planejamento e ação constantemente, na construção dos “modos operatórios”.

Pinho; Neves (2010) complementam tal quadro de complexidade, resgatando uma série de elementos que os coletores de lixo necessitam praticar conjuntamente para realizar seu trabalho, desde características fisiológico-anatômicas, até psicossociais, como: senso de observação; rapidez de percepção; boa funcionalidade de mãos e dedos; acuidade dos sentidos da audição, tato e olfato; cooperação interpessoal; entre outros (PINHO; NEVES, 2010, p. 246).

⁵ Disponível em: <<http://mpt-prt15.jusbrasil.com.br/noticias/1911716/tac-beneficia-cerca-de-mil-trabalhadores-da-prudenco>>. Acesso em: 09 de Ago. de 2013.

Estudos do Trabalho

Ano VI – Número 13 – 2013
Revista da RET
Rede de Estudos do Trabalho
www.estudosdotrabalho.org

Isso quando não têm que lidar com a atmosfera de cobrança dentro da própria equipe, normalmente centralizada na figura do motorista, que é responsabilizado pela empresa para “vigiar” os coletores, instalando a fragmentação de classe e não permitindo a construção de laços mais sólidos de solidariedade no interior da equipe (SANTOS *et al*, 2009).

No que se refere à invisibilidade social e pública dos coletores, há alguns pontos a se ressaltar. Primeiramente, conforme nos ensina Costa (2008), “A invisibilidade pública, desaparecimento de um homem no meio de outros homens, é expressão pontiaguda de dois fenômenos psicossociais que assumem caráter crônico nas sociedades capitalistas: humilhação social e reificação”. O mesmo autor também identifica a mediação de “racionalizações ideológicas” que transformam a invisibilidade, de uma forma de violência simbólica, de um signo da luta de classes, da “cristalização histórica de relações servis e de espoliação”, em um fato natural na consciência de quem a sofre (COSTA, 2008, p. 15-17).

Em “A Teoria da Alienação em Marx”, Mészáros (2006) reflete nos seguintes termos sobre a reificação: “Tudo é ‘reificado’, e as relações ontológicas fundamentais são viradas de cabeça para baixo. O indivíduo é confrontado com meros objetos (coisas, mercadorias), uma vez que seu ‘corpo inorgânico’ – ‘natureza trabalhada’ e capacidade produtiva externalizada – foi dele alienado” (p. 80).

O processo de reificação, ou seja, de transformação de seres humanos em coisas, que por sua vez devem cumprir funções (no sentido utilitarista do termo), fica melhor explicitado quando Celeguim; Roesler (2009) acrescentam à discussão o elemento do “uniforme” como catalisador desse efeito. Segundo as autoras, a gama de trabalhadores que fazem uso dos uniformes constituem um “mundo paralelo”, do qual fazem parte os sujeitos que deixam de ser vistos como participantes de uma sociedade em que o consumo ergue-se como principal baluarte. Dessa forma “[...] seja ele um gari, um lixeiro, uma faxineira, um segurança, um cobrador de ônibus, uma operadora de caixa de supermercado [...] esta pessoa é um ente invisível, e seu uniforme apenas representa uma função utilitária” (CELEGUIM; ROESLER, 2009, p. 8).

Estudos do Trabalho

Ano VI – Número 13 – 2013
Revista da RET
Rede de Estudos do Trabalho
www.estudosdotrabalho.org

Entretanto, a partir da entrevista supramencionada, encontramos elementos que, se não refutam, ao menos recolocam a discussão sobre a invisibilidade social (no caso dos coletores de lixo domiciliar) em outros termos, invertendo a lógica.

A presença dos trabalhadores e do caminhão de lixo nas ruas provoca, pelo mau odor, uma repulsa por parte de algumas pessoas dos bairros, muitas vezes expressa por gestos como tapar o nariz: “[...] e umas falta de respeito pelo povo, quando passa por nós...lógico, que nós fala, sabe que fede, lógico...não custa nada pô, aguentar um pouquinho...passou? Beleza, mas é só aquele momento, entendeu? Aí nós fica muito chateado quando o cara tampa o nariz [...]” (Informação Verbal). A questão que fica é: invisibilidade social ou visibilidade exacerbada? Parece-nos que o estigma deixado pelas condições de trabalho colocam os coletores em “alto-relevo”, expondo-os de forma pejorativa não como sujeitos sociais, trabalhadores dignos pertencentes a um coletivo social, mas como pessoas asquerosas que perturbam – mesmo que momentaneamente – a “harmonia” paisagística dos lugares, ainda que todos dependam individualmente de seus serviços para a garantia da limpeza pública.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como mencionado no início do texto, a pretensão foi tão somente lançar algumas problemáticas com as quais nos propomos lidar ao longo da pesquisa de mestrado. Fica a certeza, contudo, de que se trata de um recorte de pesquisa e de sujeitos sociais ainda muito pouco estudados, na Geografia – ciência à qual nos filiamos na formação – ainda mais.

Tratam-se de sujeitos sociais que vivem de sua força de trabalho, correndo muitos quilômetros diariamente⁶ sob sol, chuva ou quaisquer condições meteorológicas, expostos à toda sorte de riscos relacionados ao tipo de material que manipulam, à intensidade do

⁶ Na entrevista compareceu a informação de cerca de 35 km diários para os trechos leves e até 90 km diários nos trechos mais pesados, sendo que um outro parâmetro para a definição da intensidade dos trechos é também o tipo de lixo predominante, se sacos mais pesados ou mais leves. Cabe a ressalva de que essa foi apenas uma única entrevista, requerendo ser comparada com outras para que as informações sejam comprovadas ou não; daí o caráter ainda preliminar das afirmações.

Estudos do Trabalho

Ano VI – Número 13 – 2013
Revista da RET
Rede de Estudos do Trabalho
www.estudosdotrabalho.org

trabalho, às humilhações sofridas por parte da comunidade. Em contrapartida, os EPI's, apesar de garantirem minimamente uma proteção aos trabalhadores, deixam brechas ou são desconfortáveis.

Dessa forma, mesmo que preliminarmente, concluímos que se trata de um trabalho extremamente estafante, que exige dos trabalhadores muita resistência física, força, concentração e atenção nos seus trechos de trabalho, o que, não raras vezes, repercute negativamente à sua saúde na forma de dores musculares, micoses, fadiga, inflamações etc.

No que diz respeito à invisibilidade social, somente no decorrer da pesquisa será possível tecer considerações mais precisas. Porém, problematizamos essa questão a partir de um trecho de entrevista no qual o que se depreendeu não foi uma invisibilidade social, mas uma visibilidade exacerbada e pejorativa dos coletores. Ao invés de não serem vistos, são vistos com maus olhos por parte da população. Assim, sua invisibilidade vincula-se ao seu estatuto de *ser humano-genérico* (MÉSZÁROS, 2006; ALVES, 2007; 2011), porém, enquanto operadores de uma função, sua visibilidade se torna um estigma.

Essas foram as primeiras impressões, repetimos, preliminares, que pudemos apresentar neste texto, certos de que teremos muito a aprofundar na compreensão do trabalho dos coletores de lixo domiciliar urbano da cidade de Presidente Prudente/SP.

REFERÊNCIAS

ALVES, Giovanni. Trabalho flexível, vida reduzida e precarização do homem-que-trabalha: perspectivas do capitalismo global no século XXI. In: Giovanni Alves, André Vizzaccaro-Amaral e Daniel Mota (Orgs.). **Trabalho e Saúde: a precarização do trabalho e a saúde do trabalhador no século XXI**. São Paulo: LTr, 2011.

ALVES, Giovanni. Trabalho e Capitalismo. In: _____. **Dimensões da reestruturação produtiva**. Bauru: Práxis, 2007. pp. 31-54.

Estudos do Trabalho

Ano VI – Número 13 – 2013
Revista da RET
Rede de Estudos do Trabalho
www.estudosdotrabalho.org

CELEGUIM, Cristiane Regina Jorge; ROESLER, Heloísa Maria Kiehl Noronha. A Invisibilidade Social no Âmbito do Trabalho. **Revista Científica da Faculdade das Américas**, v. 3, n. 1, 2009. p. 1-19.

CLIFFORD, James. Culturas viajantes. In: ARANTES, A. A. (org.). **O espaço da diferença**. Campinas: Papyrus, 2000. p. 50 – 79.

COLOGNESE, S. A.; MÉLO, J. L. B. de. A técnica de entrevista na pesquisa social. **Cadernos de Sociologia**, Porto Alegre, v. 9, p. 143 – 159, 1998.

COSTA, Fernando Braga da. **Moisés e Nilce**: retratos biográficos de dois garis. Um estudo de psicologia social a partir de observação participante e entrevistas. Tese (Doutorado em Psicologia Social) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, 2008.

GIBBS, G. **Análise de dados qualitativos**. Porto Alegre: ArtMed, 2009.

HALL, M. M. História Oral: os riscos da inocência. In: PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO PAULO, Secretaria Municipal de Cultura, Departamento do Patrimônio Histórico. **O direito à memória**: patrimônio histórico e cidadania. São Paulo: DPH, 1992. 4 p.

KAYSER, Bernard. O Geógrafo e a Pesquisa de Campo. **Boletim Paulista de Geografia**, São Paulo, n° 84, p. 93-104. São Paulo: Associação dos Geógrafos Brasileiros.

LEFEBVRE, Henri. A produção do espaço. Trad. Doralice Barros Pereira e Sérgio Martins (do original: La production de l'espace. 4ª éd. Paris: Éditions Anthropos, 2000. Disponível em: <<http://pt.scribd.com/doc/86691594/Henri-Lefebvre-A-producao-do-espaco-cap-1-1>>. Acesso em: 24 out. 2012.

MARX, Karl. Produtividade do Capital, Trabalho Produtivo e Improdutivo. In: _____. **Teorias da Mais Valia**, v. 1. São Paulo: Bertrand Brasil, 1987. pp. 384-406. Disponível em: <<http://www.marxists.org/portugues/marx/1863/mes/prodcapital.htm>>. Acesso em: 11 jun. 2010.

MASSEY, D. Filosofia e política da espacialidade: algumas considerações. **GEOgraphia**, Rio de Janeiro, ano 6, n. 12, p. 7 – 23, 2004.

MEIHY, José Carlos S. B. **Manual de história oral**. 4a. ed. São Paulo: Loyola, 2002. 246 p.

MÉSZÁROS, István. **O desafio e o fardo do tempo histórico**. São Paulo: Boitempo, 2007.

_____. **A Teoria da Alienação em Marx**. São Paulo: Boitempo, 2006.

Estudos do Trabalho

Ano VI – Número 13 – 2013
Revista da RET
Rede de Estudos do Trabalho
www.estudosdotrabalho.org

_____. **Para Além do Capital**. São Paulo: Boitempo, 2002.

PINHO, Lisandra Matos de; NEVES, Eduardo Borba. Acidentes de Trabalho em Uma Empresa de Coleta de Lixo Urbano. **Cadernos Saúde Coletiva**, v. 18, n. 2, Rio de Janeiro, 2010. Disponível em: <http://www.iesc.ufrj.br/cadernos/images/csc/2010_2/artigos/CSCv18n2_243-251.pdf>. Acesso em: 23 out. 2012.

SANTOS, Gemelle Oliveira; SILVA, Luiz Fernando Ferreira da. Há Dignidade no Trabalho com o Lixo? Considerações sobre o olhar do trabalhador. **Revista Mal-Estar e Subjetividade**, v. IX, n. 2, Fortaleza, jun./2009. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/malestar/v9n2/13.pdf>>. Acesso em: 17 out. 2012.

SANTOS, Marcelo Cristiano de Oliveira et al. Desregulamentação do Trabalho e Desregulação da Atividade: o caso da terceirização da limpeza urbana e o trabalho dos garis. **Revista Produção**, v. 19, n. 1, São Paulo, jan./abr. 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-65132009000100013>. Acesso em: 18 out. 2012.

SMITH, Neil. Contornos de uma política espacializada: veículo dos sem teto e a construção da escala geográfica. In: ARANTES, A. (org.). **O espaço da diferença**. Campinas: Papirus, 2000. p. 132 – 175.

THOMAZ JUNIOR, Antonio. Se Camponês, se Operário! Limites e Desafios para a Compreensão da Classe Trabalhadora no Brasil. In: THOMAZ JUNIOR, A.; CARVALHAL, M. D.; CARVALHAL, T. B. (Orgs.). **Geografia e Trabalho no Século XXI – Volume 2**. Presidente Prudente: Editorial Centelha, 2006.

VASCONCELOS, Renata Campos. **A Gestão da Complexidade do Trabalho do Coletor de Lixo e a Economia do Corpo**. Tese (Engenharia de Produção) – Centro de Ciências Exatas e Tecnologia, Universidade Federal de São Carlos, 2007.

Sites Consultados

www.prudenco.com.br

www.jucesponline.sp.gov.br

www.mpt-prt15.jusbrasil.com.br

www2.tce.sp.gov.br/arqs_juri/pdf/29673.pdf